

Introdução

Propusemo-nos analisar, neste trabalho de investigação, representações e práticas do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) face ao campo cultural e, mais concretamente, ao campo literário, ao longo da década de 1930. Criado no período de institucionalização do Estado Novo, junto da Presidência do Conselho de Ministros, é um organismo do seu campo do poder, que procura estabelecer uma relação com os agentes culturais apoiada nos eixos ideológicos do regime.

Partindo de uma análise desses vectores ideológicos e das importantes instituições de monitorização e inculcação do Estado Novo, procurámos desenvolver uma reflexão sobre as linhas fundamentantes da (tomada de) posição do campo do poder perante o campo cultural. As ligações entre o Estado Novo e o sistema cultural são extraordinariamente complexas, pautadas por um vastíssimo leque de entendimentos e desentendimentos de intensidade variável e interdependentes, sem a prevalência exclusiva de um dos cenários. Conscientes desta complexidade, optámos por reflectir sobre a vertente dos entendimentos, evidenciando o papel de um dos instrumentos de intervenção da Política do Espírito do SPN e da tentativa de definição da sua posição dominante no campo literário: os Prémios Literários.

Elegemos o Prémio Camões, de todos o mais valorizado, que distinguia a melhor obra de autor estrangeiro, publicada no exterior, sobre Portugal. Uma vez que procurámos dar conta da acção exercida pelo estado de forças do campo do poder sobre o campo literário, seleccionámos um período que condicionou o carácter do regime: a transição entre a emergência e consolidação do pro-

jecto salazarista e a sua tentativa de adaptação às implicações decorrentes de uma nova conjuntura internacional. Dedicámos, deste modo, a Parte II do nosso trabalho à análise da edição do Prémio Camões de 1939, no âmbito do investimento do Estado Novo na projecção além-fronteiras da sua imagem e da iniciativa dos Prémios Literários desse mesmo ano, que consagrou a obra literária *I Gathered no Moss*, de John Gibbons (1882-1949) – o director do SPN, António Ferro (1895-1956), julgá-la-ia «como uma das obras mais belas que se têm escrito, em todos os tempos e em todas as línguas, sobre o nosso País e a nossa gente». O perfil social e a trajectória intelectual do autor inglês, o tema e a perspectiva da obra vencedora, bem como o posicionamento socioideológico dos elementos do júri que a avaliou e as sociabilidades produzidas aquando da entrega do Prémio, constituem dimensões analíticas que, concebidas de uma forma necessariamente articulada, poderão, a nosso ver, contribuir para a elucidação dos mecanismos de consagração de bens simbólicos caucionados pelo SPN.

O presente livro corresponde, com algumas modificações, ao texto da dissertação de mestrado em Ciências Sociais apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e defendida em Julho de 2007.